

29 de julho de 2022 nº 7

Tatuí, SP

jornal

BULI

 CONSERVATÓRIO DE TATUI





Sumário

No frescor da hora

4

Compositor de destinos
Tadeu Renato

7

De tudo fica um pouco
Tadeu Renato

10

Cantos para não silenciar
Tadeu Renato

Crônica do dia seguinte

13

Recebendo arte
Lorrane Suelen

14

O silêncio noturno de Tatui
Daiany Ponte

15

Rememorar
Vitor Pires

Ainda reverbera

16

Uma copa do mundo
Carlos Eduardo Dias da Silva

17

Voltei, Tatui
Camila Alomba

Vi no FETESP

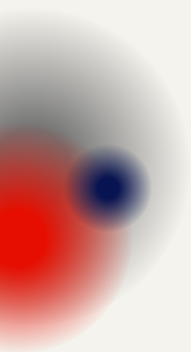
19

**A primeira vez.. a gente
nunca esquece**

Davi Henrique Ribeiro de Souza

Expediente

20



no frescor da hora

COMPOSITOR DE DESTINOS

Tadeu Renato

apreciação do espetáculo em processo Kitembo - entre nascedouros e poentes a partir do painel conduzido pelo VQV - Lígia Helena de Almeida e Thais Póvoa

Cada língua carrega seus próprios conceitos e - como já foi dito inúmeras vezes - toda tradução é uma traição, pois ao passar um termo de um idioma para outro, sempre se perde algo, um sentido maior que faz parte do território, da cultura e dos corpos que criaram determinada linguagem. Kitembo, na cultura bantu do continente africano, é o *nkisi* que representa o Tempo no Candomblé de Angola. Porém, em nossa cultura euro-ocidental, o entendimento do tempo não se dá da mesma maneira, assim como entender um *nkisi* como uma figura divina ou uma entidade ou uma força. Essas são palavras que podemos utilizar para nos aproximarmos, porém ainda não diz tudo. Kitembo não representa, é o próprio TEMPO, tanto o cronológico quanto o mítico, tambor de todos os ritmos, espiral que cria galhos sem deixar de saber as forças das raízes. São traduções, do mesmo modo, as aproximações que podemos fazer sobre os sentidos físicos, isto é: uma palavra em LIBRAS corresponde a um vocábulo da língua portuguesa, e certamente traz outros significados para a comunidade surda. Eu, vidente e ouvinte, só posso supor como cegos e surdos compreendem suas experiências de mundo através de suas linguagens.

A obra em processo *Kitembo - entre nascedouros e poentes*, apresentada pela Cia. de Teatro do Conservatório de Tatui neste sétimo dia de FETESP 2022, é ela mesma algo ainda em germe, tomando formas para nascer. O processo desde agora aponta para os caminhos que pretende prosseguir, propondo corpos em danças que conduzem a ação, unindo à gestualidade de danças das culturas tradicionais brasileiras os códigos da Língua Brasileira de Sinais; não deixa essa como legenda em um canto do palco, antes a insere nos

no frescor da hora

Em cena, pessoas cegas e um cadeirante fazem parte do mesmo coro que atrizes e atores sem deficiência, cada corpo respeitado em suas possibilidades. É um espetáculo em crescimento e seria interessante vê-lo trazer os participantes PcDs ainda mais ao protagonismo. O embrião a que assistimos é campo de experimentação, trabalho em processo de criação e que naturalmente revela momentos de ansiedade que fazem algumas narrativas serem pouco aproveitadas, tanto em suas musicalidades quanto nas imagens que sugerem. Aqui cabe ressaltar que é a primeira vez na história da Cia. de Teatro do Conservatório de Tatuí que uma artista de fora da instituição é convidada para desenvolver a dramaturgia em processo com os demais artistas envolvidos. Cristiane Sobral, dramaturga da peça, é atriz, poeta e atriz residente em Brasília. Como mulher negra, trás como pesquisa de sua escrita os imaginários presentes nas ancestralidades afro-centradas. A presença dessa artista e as palavras que se vale para a construção do texto são significativas por inaugurar tanto outras formas de trabalho para a Cia. como pelas estruturas narrativas que propõe, pedindo aprofundamentos no estudo de seus textos que ampliarão as forças imagéticas da oralidade posta em cena.

É explícita a alegria de todas e todos de estar em cena, em sintonia e cumplicidade que proporciona desejo de estar junto, adentrar os mistérios do ritual, misturar-se ao coletivo. O grupo precisa prosseguir nessa pesquisa, aprofundando a busca por um fazer teatral que faça atravessamentos entre as percepções, propondo questões que partam, por exemplo, das pessoas cegas: que história elas contariam a partir de suas experiências de não ver? Como seria narrar a sensação tátil de reconhecer um rosto? De que forma se dá a memória sem imagem? Há um instante da fábula em que uma figura é apresentada, com características de um ser fantástico, compreendido pelas crianças presentes no público como um monstro. E então retomo outra vez a ideia de tradução para pensar a origem do termo: monstro veio do Latim e se trata de um verbo que significa “indicar, apontar, chamar a atenção para algo”.

no frescor da hora

A mesma raiz etimológica está na palavra mostrar, demonstrar e monumento. Sabemos que em nossa língua preservou-se outro significado, no entanto é interessante pensar que o processo de Kitembo é um monstro, à medida em que aponta para o que virá esteticamente e também chama nossa atenção para a inclusão de pessoas com deficiência não somente como plateia, mas agregados na cena, como criadoras e criadores, uma pesquisa que está nascendo e merece o cuidado necessário para que floresça em árvore frutífera.

*Esse texto contou com a
colaboração da estudante Arielle Barbosa*



no frescor da hora

DE TUDO FICA UM POUCO

Tadeu Renato

apreciação da criação em processo Crônica nº1 a partir do painel conduzido pelo VQV - Lígia Helena de Almeida e Thais Póvoa

No dia 02 de outubro de 1992, a Polícia Militar invadiu o complexo presidiário do Carandiru, em São Paulo, e sob a justificativa de conter uma rebelião, assassinou 111 detentos. O secretário de segurança da época perderia o cargo logo em seguida, assumindo em seu lugar o futuro presidente (golpista) Michel Temer, cuja reação ao massacre foi propor que os policiais envolvidos repousassem e fizessem meditação. Anos depois o complexo veio abaixo, dando lugar a um parque. Parte do entulho foi soterrado, criando um morro que se levanta entre quadras, jovens praticando esportes e dezenas de pessoas em situação de rua. Do esqueleto de um dos pavilhões, o governo do Estado fez surgir uma escola técnica de Artes.

A *Cia. Sobrecéus*, criadora do espetáculo em processo *Crônica nº1* é formada por estudantes e ex-estudantes do curso de Teatro dessa ETEC. O grupo vem pesquisando uma teatralidade que parte de documentos, relacionando experiências pessoais e coletivas. Partindo de depoimentos sobre a relação de filhas com seus pais - e é interessante falar sobre essa relação em um país cuja figura paterna é tão ausente - as atrizes narram uma condição de expectativa, um tempo que se suspende e assusta quando percebemos a fragilidade da vida. Três narrativas que contam de pais que estão diante da possibilidade imediata da morte e sobre como as filhas têm a percepção de impotência ante tal acontecimento. Assim, aos poucos, memórias vão compondo o cenário como um relicário de instantes, símbolos da existência de pessoas que passaram e deixaram algum tipo de marca: uma camiseta do Palmeiras, boletos em seus nomes, emaranhados de objetos. Tudo sendo disparado a partir de fotografias pessoais das atrizes.

no frescor da hora

O semiólogo francês Roland Barthes, em seu livro *A Câmara Clara* (1980) investiga a natureza da fotografia, o que torna essa imagem fixada em algo atraente. Ou seja, o que há em uma fotografia (não artística) que entre tantas nos chama a atenção. Para o escritor, há em determinadas imagens um detalhe que dispara em quem observa um choque de percepção, uma fenda que se abre e remete para algo além do que está exposto. É o que ele chama de *punctum*, um disparador que amplia os significados do que está registrado. Em *Crônica nº1*, a Cia. se deixa tomar por esse *punctum*, partilham com o público a fotografia, porém expondo o que está afora, o que aconteceu naquele dia, quais as pessoas e sentimentos envolvidos, quais expectativas ou frustrações nasceram ou findaram ali. Ao lidar com esse material, o grupo nos convida a um ritual de luto coletivo, uma ação para comemorar (*com-memorare* = recordar junto com o outro) o que e quem não pode ser esquecido, ser soterrado em um monte de terra ou vestido com outras paredes para apagar, pouco a pouco, o passado. Há o luto – ou a perspectiva deste – e, no entanto, há a festa, a dança e a música que pedem um tempo (*cronos*) de limpeza e calmaria.

Formalmente, o espetáculo apresenta elementos que temos visto, neste Festival, serem comuns em parte do teatro contemporâneo, como o uso de microfones e projeções. Estas são orgânicas ao que o trabalho se propõe, a própria luz que projeta a lembrança registrada é fugidia. Quanto ao microfone, ainda merece maiores estudos sobre seu uso ou sua autêntica necessidade. Também seria interessante a Cia Entrecéus aprofundar a pesquisa sobre as fronteiras borradas entre o real e o ficcional, uma vez que a memória é ela mesma uma ficção que criamos a cada lembrança que retomamos.

Trata-se de um experimento curto e com tamanha pulsação, que provoca o desejo de acompanhar por mais tempo as narrativas, talvez desdobrando outras memórias que atravessassem as dores com a delicadeza de quem nos conta uma saudade.

*Esse texto contou com a
colaboração da estudante Arielle Barbosa*

no frescor da hora



frescor da hora

Cantos para não silenciar

Tadeu Renato

apreciação da experiência em vídeo Muvuca e outros cantos a partir do painel conduzido pelo VQV - Lígia Helena de Almeida e Thais Póvoa

Nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou atrás, diz o adinkra conhecido por Sankofa. Adinkra é um sistema de escrita utilizado, sobretudo, no território de Gana, continente africano, cujos símbolos representam aforismos, conhecimentos passados por diversas gerações.

Por sua vez, o sankofa é representado por um pássaro preto cuja cabeça está virada para trás, e de cujo bico deixa cair um ovo. De olho no passado, o pássaro faz nascer um ovo que chocará o futuro. É o conceito de tempo espiralar, que diferente da linearidade temporal de nossa cultura ocidental, entende o movimento cronológico como passado, presente e futuro se tocando constantemente, se afetando a cada repetição e, simultaneamente, se transformando. O que deixamos de ser ou fazer ao longo de dois anos de isolamento social? De onde tirar forças para pensar e agir em um mundo ainda saindo de uma pandemia? Quais formas a arte criou para lidar com novas percepções?

No teatro, não foram poucos os grupos que recorreram à internet para prosseguir com suas criações. Os estudantes da SP Escola de Teatro se valeram do aplicativo Zoom para construir uma peça-filme cuja provocação inicial foi dialogar com a Semana de Arte Moderna, que comemora um século neste ano. No decorrer dos estudos, o grupo criou a fábula de um grupo que interrompe a fala do poeta paulistano Oswald de Andrade para contar a história do pássaro Sankofa. Na sequência, corpos-pássaros narram esse mito, cuja trajetória é atravessada por referências às lutas dos povos indígenas contra o Marco Temporal (ação em tramitação no STJ que pode fazer com que dezenas de povos percam suas terras tradicionais) e por elementos de culturas africanas e afro-brasileiras. A peça-filme faz uso inventivo dos recursos tecnológicos,¹⁰

frescor da hora

experimentando texturas e cores, ambientes e ângulos, a multiplicidade espacial proporcionada pelas janelas do aplicativo. Fazer teatro pela internet, no susto do isolamento, coloca muitos pontos em questão, a começar pelo acesso à tecnologia e ao sinal de conexão. Isso pode ser notado, por exemplo, na dificuldade de compreensão de partes do texto, uma vez que o aplicativo apresenta ruídos e atrasos na captação de sons. Seria necessária uma equalização que limpasse estes sons, pois parte da narrativa e seu entendimento fica prejudicada por isso.

A presença do poeta modernista acabou por ficar sem grande função dramática no desejo que o grupo tinha em falar sobre artistas negras e negros que participaram do movimento de renovação das artes brasileiras no início do século XX e que foram riscados da história oficial. Ao colocar um ator negro para fazer o personagem Oswald, a peça-filme aponta uma crítica interessante que poderia ser melhor explorada: como seria a história do modernismo se os participantes da Semana fossem negros? O que esses corpos teriam deixado de legado? Ou teriam sido também invisibilizados? E se ao invés da Antropofagia dos povos indígenas Oswald usasse como metáfora a gula de Exu? Como este não foi o caminho da pesquisa, o processo funciona em sua narrativa sem qualquer diferença no acréscimo dessa figura. A boa composição plástica dos corpos-pássaros, bem como de objetos e ações que nos mostram formas que talvez fossem pouco perceptíveis em um palco, convive com uma diversidade de informações, provavelmente fruto da grande quantidade de temas pesquisados, carecendo de escolhas que deem melhor apontamento ao que Muvuca deseja expressar. Isso não significa abrir mão dos outros cantos, e sim encontrar em um dos temas aquele que sirva de ponto de referência para tantos cruzamentos.

O que se mostra mais instigante na exibição da peça-filme neste Festival é o prólogo realizado ao vivo, um ritual de início em que vemos corpos em movimento se transformando em um bando de pássaros. As peças-filmes não precisam ser uma obra que se encerra em si, podendo ser investigada em relação com performatividades, modos de exibição, complementações que integrem linguagens. Ao relacionar presença e virtualidade da tela, o grupo abre caminho para uma pesquisa estimulante que pode se desdobrar em formas híbridas que expressem novos contextos.

*Esse texto contou com a
colaboração da estudante Arielle Barbosa*

frescor da hora



foto: Kaio Alexandre

Recebendo arte

Lorrane Suelen
3º ano Curso Teatro Adulto
Conservatório de Tatuí

Meu primeiro dia na Oficina de Malabares e Perna de Pau.

Muitos sentimentos me ecoaram logo que saí da oficina, mas um deles, sem dúvidas, foi a possibilidade que tive de me aproximar da criança que ainda vive dentro de mim, da menina de olhos atentos enxergando possibilidades de se descobrir e redescobrir em tudo. Resgatei o meu sentimento de capacidade que a vida adulta me arrancou.

Às 14h assisti ao espetáculo da Cia. de Teatro do Conservatório, Kitembo.

Acompanhei a trajetória do grupo desde o EAD até o presencial, poder ver na prática tudo o que eu ouvi do grupo na teoria é grandioso como espectadora do trabalho.

Impossível não se emocionar com a leveza e tranquilidade que o espetáculo traz.

Às 16h assisti ao espetáculo Crônica nº1.

O grupo abordou cuidadosamente a questão da morte, do nosso fim... das nossas perdas.

Crescemos aprendendo a lidar com esse sentimento de uma forma tão fria, com um certo distanciamento. Por vezes nos negamos até a acessar essa emoção, emoção da qual deveríamos ter muita propriedade! Não para nos prepararmos para algo, mas para termos intimidade com um dos sentimentos que mais nos destroem como seres humanos.

Às 19h30 assisti ao espetáculo *Muvuca e outros cantos*.

Foi o segundo espetáculo que assisti em vídeo, ainda estamos aprendendo a lidar com os resquícios que o EAD nos deixou, mas particularmente acho extremamente interessante a possibilidade que temos de conhecer lugares e culturas através de imagens, coisas que não seriam possíveis no teatro tradicional.

crônica do dia seguinte

O silêncio noturno de Tatuí

Daiany Pontes

Coletivo F22

Escola Livre de Teatro de Santo André

Vindos de tantos lugares para um destino único. Tatuí.

Qual é o som que os Fetespeiros carregam em si?

A cidade da música, que não toca nas noites.

Dó-Ré-Mi-Fá-Só- SILÊNCIOS.

Nós, vindos de tantos lugares, funcionamos como notas sonoras para a cidade. Por quanto tempo? Não sei. Mas espero poder, de onde eu estiver, ouvir as notas musicais do FETESP sendo tocadas e escoadas no tempo-historicidade. Exatamente porque continuar o festival é fazer histórias e memórias.

Ver-pensar e devolver.

As longas tranças da mulher de Kitembo invadiram toda a plateia.

Acessibilidade é acessar os olhos, ouvidos, sensações... ventre adentro.

Já parou para pensar que deixar ser acessado é tão voraz...

Ver para além dos olhos.

Ouvir para além dos ouvidos.

Sentir para além da pele.

Hoje eu vi com os olhos de muitas crianças, e me perguntei:

Por que não deixar a nossa criança interior sair, passear?

É curioso, é vasto, mas é profundo afirmar que foi no silêncio das noites de Tatuí que ouvi minha criança cantar.

crônica do dia seguinte

Rememorar

Vitor Pires

Coletivo F22

Escola Livre de Teatro de Santo André

Relembrar é trazer para o presente

Trazer para o presente nossa construção

É preciso ser dito de onde viemos para entender
para onde iremos

Fotos registram o tempo

A memória se torna matéria

O quintal se transforma

Memória palpável

Sentimentos de saudade

Um tempo outro

Agora sou uma criança sentada no quintal de
casa

Observo a vida passando por esse *álbumquintal*,
momentos diversos que transformam toda uma
trajetória.

Ali parte a criança adulta em busca de encontrar
sentido,

de encontrar caminhos.

Uma copa do mundo

Carlos Eduardo Dias da Silva

*2º ano Curso Teatro Adulto
Conservatório de Tatui*

Confesso que por motivos pessoais não consegui comparecer a algumas apresentações que eu queria muito assistir no FETESP, poderia fazer uma piada falando que a minha vida é AF, DF (antes FETESP, depois FETESP).

Os espetáculos, apresentações, oficinas, produções, corpo docente, equipe voluntária e equipe de bolsistas, TODAS, TODOS e TODES, foram e estão sendo magníficos. Com tão pouco tempo e muita dedicação, agregam um valor imenso em nossas vidas e carreiras.

Isso só me ajuda a querer seguir mais ainda nesse ramo, eu posso fazer o que eu quiser, da forma que eu quiser e tocar as pessoas, mas também ser tocado.

O Festival tem sido não só um entretenimento, mas sim, também, uma vivência de aprendizagens, acolhimento. Onde eu me sinto totalmente confortável para perguntar: por que as pessoas estão ali não só como atores sendo aplaudidos, mas atores mostrando o que têm, o que podem fazer e o que podem aprender?

Depois de 7 anos, o FETESP ressurgiu a todo vapor como uma máquina arregaçando e estourando qualquer coisa que se oponha à sua frente.

Eu acredito e vou lutar por isso: para que todo ano tenha o FETESP, para que ele se torne um evento onde as pessoas se preparam a cada ano para poderem presenciar essa “vida” como se fosse uma copa do mundo.

Voltei Tatuí

Camila Alomba

*1º ano Curso de Artes Cênicas
Conservatório de Tatuí*

Voltei Tatuí. E o que você tem pra mim? Trouxe mais um moletom, uma bolsa, uma mochila, mais uma camisa, um tênis, vou lavar roupa, mais uma bolsa, uma mala e um corpo ansioso que vibra e pulsa. Esvaziei a mala pra encher.

Voltei Tatuí. E o que você tem pra mim? Tem reunião amanhã sem falta. Os produtores estão por toda parte. Ensaio da Cia., é bom estar em casa. Tem gente nova em casa. Filipetas. Você foi adicionada no grupo da comunicação. Óbvio! Calor né? Vim preparada pro frio, acontece. Os cartazes estão espalhados. Abraço antigo de quem eu não conheço, abraço novo de quem já conhecia. Vistoria no local. Tem som, iluminação e comida? Você foi adicionado no grupo, você foi adicionada, você foi adicionada, você foi, você.

Voltei Tatuí. E o que você tem pra mim? Você sobe a rua onze, desce na rua quinze, pronto: chegou! Tem gente na escola montando o palco, cadeiras, corpos, fios, quem sabe costurar? "Que bom te conhecer pessoalmente". "E se a gente chamar..." Você entrou no grupo usando um link. Reunião. Reunião desmarcada. Reunião remarçada. Reunião. Você tem mais um grupo no whatsapp. Tô no setor. Vem pro QG. "Tranquilo, qualquer coisa tô por aqui".

Voltei Tatuí. E o que você tem pra mim? "O nosso job é na madrugada". "Faz a bilheteria hoje, ok?". QG mudou. Tem uma festa, digo um after, digo... Se bem que a oficina da tarde eu consigo fazer. "Boa noite, tá aqui o seu ingresso, o portão abre às 19h30 e você escolhe qualquer cadeira pra assistir."

Voltei Tatuí. E o que você tem pra mim? "Bom dia! Vem tomar café". Novos diaristas. Planilha de voucher. Eu trouxe desodorante. Meu tênis velho. Cortejo. Cortejos, corteja-me. Céu estrelado na volta pra casa, casa compartilhada, cozinha vazia? Milagre no alojamento. Saudade. Friozinho. Self. Chegaram agora na rodoviária.

ainda reverbera

Voltei Tatuí. E o que você tem pra mim? Gentes, roteiros, luz, ensaio agora, cotação de preços, "me dá uma carona?". Todes, vi minha mãe naquela cena. Vi meu corpo naquele palco. "Tá tudo bem? Precisar tô por aqui". O sorriso abraça a lágrima. Impacto e inspiração. Alguém tem Dorflex?

Voltei Tatuí. E o que você tem pra mim? Coletivo. Cia.. Oficina. Residências. After. Tive uma ideia, tive duas ideias, tive muitas ideias. O que você vê? Só entra com nome na lista. Mencionou você. Vazio e molhado. Nem comi ainda. Ouço o som da... O som do... O som.

Voltei Tatuí. E o que você tem pra mim? O que você tem? Tatuí? A mala chegou cheia, mas fui esvaziando pra caber mais de elxs, de arte, de hoje, pra caber mais de amanhã, pra caber mais. No café da manhã comi BULÍ. No almoço comi BULÍ. No fim do espetáculo, comi BULÍ, pra BULÍ. No after não comi, só bebi histórias, trocas, experiências, Evidências, Sandy e Júnior e Ragatanga, água. Bebam água! Andei de bicicleta e andei na rua. "Se organizar direitinho, todo mundo beija".

Voltei Tatuí. E o que você tem pra mim? Continuo... continuar...continua. Continuo. Contigo. Comigo. Com. Camila

A primeira vez... A gente nunca esquece

Davi Henrique Ribeiro de Souza

Aluno do 3º B do PEI - Chico Pereira

Revisado pela professora Amanda Maria Assunção

Eu nunca tinha ido ao Conservatório, foi a primeira vez! Eu só via o letreiro e a porta do teatro camuflada pelas árvores!

As apresentações, as histórias e as conclusões dos espetáculos a que assisti foram muito surpreendentes e até me trouxeram memórias nostálgicas do tempo em que eu vivia perto de São Paulo e estive por lá para buscar minha irmã mais velha na faculdade.

A primeira peça a que eu assisti, o espetáculo *Distopias*, foi em relação a pacificar as diferenças. O rei, ao invés de deixar o povo viver a diversidade, decide, literalmente, mascarar a identidade de seu povo, transformando-os em identidades robóticas, sem nomes, apenas sendo chamados pelo número “3”. Alguns não se conformaram com a situação e queriam suas identidades de volta.

Com coragem e determinação, eles conflitaram contra o rei e acabaram por mudar de um planeta a outro com o mesmo loop social e discriminatório com a nave até o combustível acabar.

A segunda peça, o espetáculo “Constelação”, remete-nos ao concretismo e à história do Brasil moderno, repetições, críticas, loop, saltos, fatos, caos, nostalgia, separação, ditadura militar de 1964 e afins.

Foi ótima a minha primeira visita ao Conservatório. Foi maravilhosa a oportunidade de assistir, num único dia, a dois espetáculos do FETESP!

Fiquei encantado com tudo que vi e vivi! Experiência inesquecível! Com certeza, meus olhos brilharam e se encantaram!

Expediente

Coordenador editorial

Antonio Salvador

Arte gráfica

Luiza Lorenzetti

Produção editorial

João Fabbro

Revisão de textos

Thiago Leite

João Fabbro

Textos

Tadeu Renato

Lorrane Suelen

Daiany Pontes

Vitor Pires

Carlos Eduardo Dias da Silva

Camila Alomba

Davi Henrique Ribeiro de Souza

Colaboradores(as)

Arielle Barbosa [bolsista estagiária em Produção Cênica]

Camila Barbagallo

Camila Alomba

Fotógrafos

João Maria

Kaio Alexandre (bolsista estagiário em Produção Cultural)

Leia também a *Buli - Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí*

**Esta publicação foi atualizada em 29/07 às 19h16*